

# o periférico

william gibson

Tradução de Luís Santos



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina

Para Shannie



*Já falei dos enjoos e da confusão  
que acompanham as viagens no tempo.*

— **H. G. WELLS**



1.

## OS HÁPTICOS

**N**ão pensaram que o irmão de Flynn tivesse stresse pós-traumático, mas sim que os hápticos, por vezes, lhe provocavam erros. Disseram que era como um membro fantasma, vestígios das tatuagens que usara na guerra, que lhe haviam sido dadas para dizer quando correr, quando ficar quieto, quando se armar em mauzão, qual a direção e a distância. Atribuíram-lhe então uma pensão e ele morava na caravana junto ao regato. Quando eram pequenos, vivera lá um tio alcoólico, irmão mais velho do pai, veterano de outra guerra. No verão em que fez dez anos, ela, Burton e Leon usaram-na como forte. Mais tarde, Leon tentara levar raparigas para lá, mas o cheiro era péssimo. Quando Burton foi dispensado, dado como inapto, estava vazia, salvo pelo maior ninho de vespas que alguma vez haviam visto. Era o que de mais valioso tinham na propriedade, dissera Leon. *Airstream*, 1977. Mostrou-lhe exemplares à venda no eBay que pareciam munições de espingarda, e que valiam bom dinheiro, fosse qual fosse o estado. O tio enchera aquela com espuma de expansão, agora cinzenta com a sujidade, para vedar as goteiras e também como isolamento. Leon disse que isso a salvara. A ela, parecia-lhe uma velha lagarta gorda, mas com túneis até às janelas.

Ao descer o carreiro, viu restos da espuma, meio enterrados no solo escuro. O irmão acendera as luzes da caravana e, ao aproximar-se, viu-o parcialmente pela janela a levantar-se e a virar-se; na coluna e nos flancos tinha as marcas de onde os hápticos haviam sido retirados, deixando-lhe a pele como se tivesse sido salpicada com algo da cor de um peixe morto. Disseram-lhe que também podiam retirar as marcas, mas ele não quis lá voltar.

— Ó Burton — chamou.

— Então, Ice — respondeu o irmão, tratando-a pelo *nick* de *gamer*, uma

mão a abrir a porta, a outra a puxar a *t-shirt* que os Corps lhe haviam dado, ocultando a marca prateada acima do umbigo, com o tamanho e a forma de uma carta de jogar.

Lá dentro, a caravana era da cor da vaselina, com LED enterrados em âmbar da Hefty Mart. Ajudara-o a limpar o espaço antes de ele se instalar. Ele não quisera dar-se ao trabalho de tirar o aspirador da garagem, limitando-se a bombear o interior com uma camada de polímero chinês flexível, que, ao secar, ficava com um aspeto vidrado. Viam-se as pontas queimadas de fósforos no fundo e o papel de padrão cortiçado do filtro esmagado de um cigarro legal, mais velho do que ela. Sabia onde encontrar uma chave de fendas de joalheiro enferrujada, e, algures, havia uma moeda de 2009.

Agora, ele limitava-se a tirar os pertences antes de dar uma mangueirada ao interior, a cada quinze dias, por aí, como se estivesse a lavar um *tupperware*. Leon disse que se podia arrancar o polímero antes de se pôr o clássico americano à venda no eBay. A sujidade ia com ele.

Burton deu-lhe a mão e apertou-a, puxando-a para cima.

— Vais a Davisville? — perguntou ela.

— O Leon vem buscar-me.

— Os Lucas 4:5 andam por lá com protestos. Foi o que a Shaylene disse. Burton encolheu os ombros, mexendo algum músculo, mas não muito.

— Foste tu, Burton. No mês passado. Nas notícias. Aquele funeral, na Carolina.

O esgar que Burton fez não chegava a um sorriso.

— Podes ter matado o miúdo.

Ele abanou a cabeça ao de leve, os olhos semicerrados.

— Assustas-me quando fazes essas merdas.

— Ainda trabalhas para aquele advogado de Tulsa?

— Ele não tem jogado. Deve andar ocupado com a advocacia.

— Ele nunca teve melhor do que tu. Mostraste-lhe bem.

— É só um jogo — disse ela, mais para si do que para ele.

— Mais vale arranjar um Marine.

Flynne pensou ter visto aquela coisa que os hápticos faziam na altura, aquele estremecer, mas depois desapareceu.

— Preciso que me substituas — indicou ele, como se não tivesse acontecido nada. — Um turno de cinco horas. Pilotar um quadróptero.

Flynne olhou para o *display* dele. As pernas de uma supermodelo dinamarquesa a entrarem para uma marca de carro que ninguém que ela conhecesse alguma vez conduziria, nem provavelmente veria na estrada.

— Estás reformado por incapacidade — lembrou ela. — Não devias trabalhar.

Burton fitou-a.

— Onde é o trabalho? — perguntou ela.

— Não faço ideia.

— Subcontratado? A AV apanha-te.

— É um jogo — disse ele. — A beta de um jogo.

— Primeira pessoa?

— Não há nada para abater. Descreves um perímetro em torno de três andares de uma torre, do cinquenta e cinco ao cinquenta e sete. Vê o que aparece.

— O que é que aparece?

— *Paparazzi*. — Apontou-lhe o indicador. — Coisas pequenas. Metes-te no caminho deles. Afasta-los. Só isso.

— Quando?

— Esta noite. Arranja-te antes de o Leon chegar.

— Devia ir ajudar a Shaylene, mais logo.

— Dou-te duas de cinco. — Tirou a carteira dos *jeans*, puxou um par de notas novas, as janelas limpas, os hologramas brilhantes.

Entraram dobradas no bolso direito dos calções da irmã.

— Baixa as luzes — pediu ela —, magoam-me os olhos.

Ele assim fez, agitando a mão pelo *display*, mas o local ficou a parecer o quarto de um miúdo de dezassete anos. Ela estendeu a mão e aumentou ao de leve a intensidade.

Sentou-se na cadeira dele. Era chinesa, ajustando-se à altura e ao peso dela, enquanto ele se sentou num velho banco metálico alto, quase sem tinta, e ligou um ecrã com um gesto da mão.

MILAGROS COLDIRON SA

— O que é isso? — quis ela saber.

— Para quem trabalhamos.

— Como é que te pagam?

— Hefty Pal.

— Vais ser apanhado, de certeza.

— Vai para uma conta do Leon — explicou ele. Leon cumprira o serviço no exército mais ou menos ao mesmo tempo que Burton nos Marines, mas Leon não recebia pensão por incapacidade. Nunca apanhara o idiota por lá. Não que Flynn alguma vez tivesse pensado que Leon fosse mais do que manhoso, além de preguiçoso. — Precisas do meu acesso e da *password*. Hat



trick. — Ambos pronunciavam mal a *tag* dele, Hapt-Rec, de modo a mantê-la privada. Burton tirou um envelope do bolso traseiro, desdobrou-o e abriu-o. O papel parecia grosso, amarelado.

— É da Fab?

Pegou numa longa tira do mesmo papel, impressa com o que parecia um parágrafo inteiro de caracteres e símbolos.

— Se o digitalizas ou copias fora daquela janela, acabou-se o trabalho para os dois.

Flynne pegou no envelope que estava em cima do que imaginava ter sido uma mesa de jantar desdobrável. Era um dos materiais de escritório de topo de Shaylene, guardados, literalmente, numa prateleira de topo. Quando chegavam encomendas de grandes empresas, ou de advogados, ia-se lá acima. Passou o dedo sobre o logótipo no canto superior esquerdo.

— Medellín?

— Empresa de segurança.

— Disseste que era um jogo.

— Isso que tens no bolso são dez mil dólares.

— Há quanto tempo andas a fazer isto?

— Duas semanas. Domingos de folga.

— Quanto é que recebes?

— Vinte e cinco mil por semana.

— Então são vinte. Foi em cima da hora e vou baldar-me à Shaylene.

Burton deu-lhe outras duas notas de cinco.

2.

## A BOLACHA MORTAL

**N**etherton acordou com a chancela de Rainey a pulsar-lhe por trás das pálpebras ao ritmo de um coração em repouso. Abriu os olhos. Sabia que não devia mexer a cabeça, pelo que confirmou que estava na cama, sozinho. Dadas as circunstâncias atuais, isso era positivo. Ergueu lentamente a cabeça da almofada até ver que as roupas não estavam onde imaginava que as teria deixado. Sabia que os limpadores teriam saído do seu ninho por baixo da cama para as levar e limpar de tudo quanto fossem resíduos invisíveis de sebo, flocos de pele, partículas atmosféricas, migalhas, entre outros.

— Sujo — declarou, num tom arrastado, imaginando brevemente limpadores para a psique, e deixou tombar a cabeça.

A chancela de Rainey começou a piscar, qual luz estroboscópica, exigente. Sentou-se à cautela. O grande teste seria levantar-se.

— Sim?

A estroboscopia cessou.

— *Un petit problème* — disse Rainey.

Ele fechou os olhos, mas só via a chancela dela. Voltou a abri-los.

— Ela é a porra de um problema teu, Wilf.

Estremeceu, com a dor que isso provocou a sobressaltá-lo.

— Sempre tiveste essa veia puritana? Nunca tinha reparado.

— És publicista — comentou Rainey. — Ela é uma celebridade. Trata-se de uma relação interespécies.

Sentia os olhos, um tamanho acima das órbitas, com areia.

— Ela deve estar perto da zona — disse ele, numa tentativa reflexa de sugerir que estava alerta, controlado, e não desastrosa, e previsivelmente, ressecado.

— Estão quase por cima — confirmou Rainey. — Com o teu problema.

— O que fez ela?

— Obviamente — esclareceu Rainey —, um dos estilistas dela é também tatuador.

Mais uma vez, a chancela dominou-lhe as trevas em sofrimento privadas.

— Não pode — disse, abrindo os olhos. — Ela fez isso?

— Fez.

— Tínhamos um acordo verbal profundamente específico quanto a isso.

— Resolve o problema — ordenou Rainey. — Já. O mundo está a observar, Wilf. Pelo menos aquele que conseguimos atrair. Será que Daedra West vai estabelecer a paz com os zonistas? Será que decidem apoiar o nosso projeto? Queremos um sim e outro sim.

— Eles comeram os últimos dois enviados — lembrou Netherton. — Estavam a alucinar em sintonia com uma floresta de código, convencidos de que as visitas eram espíritos-monstros xamânicos. No mês passado estive três dias inteiros a dar-lhe formação no Connaught. Dois antropólogos, três curadores neoprimitivistas. Sem tatuagens. Uma epiderme novinha, perfeitamente limpa. E agora isto.

— Demove-a, Wilf.

Levantou-se à cautela. Cambaleou nu até à casa de banho.

Urinou tão sonoramente quanto possível.

— Do quê, ao certo?

— De se atirar de parafólio...

— A ideia sempre foi essa...

— Sem mais nada além das tatuagens novas.

— A sério? Não.

— A sério — garantiu Rainey.

— Caso não tenhas reparado, a estética deles prende-se com tumores cutâneos benignos, mamilos supérfluos. As tatuagens convencionais pertencem à iconografia do hegemona. É como levares o anel da pila para conhecer o papa e certificares-te de que ele o vê. Ou melhor, é pior do que isso. Como são?

— Imundície pós-humana, segundo as tuas palavras.

— As tatuagens!

— Algo a ver com o Giro — descreveu ela. — Abstratas.

— Apropriação cultural. Que maravilha. Não podia ser pior. Na cara? Pescoço?

— Felizmente, não. Se a convenceres a vestir o fato que estamos a imprimir no moby, talvez ainda tenhamos projeto.

Olhou para o teto. Imaginou-o a abrir-se. Ele a subir.

Não sabia para o quê.

— E depois temos a questão do nosso financiamento saudita — acrescentou Rainey —, que é considerável. Tatuagens visíveis pode ser ir longe de mais. A nudez não é negociável.

— Podem vê-la como sinal de disponibilidade sexual — adiantou ele, tendo já passado por isso.

— Os sauditas?

— Os zonistas.

— Podem vê-la como estando a oferecer-se como almoço — corrigiu ela. — Mas seria o último. Ela é uma bolacha mortal, Wilf, durante pelo menos uma semana. Alguém que lhe dê um beijo que seja entra em choque anafilático. Também há qualquer coisa com as unhas dela, mas isso é menos claro.

Ele rodeou a cintura com uma toalha branca grossa. Olhou para o jarro de água na bancada de mármore. Sentiu o estômago dar uma volta.

— Lorenzo — disse Rainey, no momento em que apareceu uma chancela desconhecida —, o Wilf Netherton tem o teu *feed*, em Londres.

Quase vomitou com o influxo súbito: uma luz salina forte sobre a Zona do Lixo, a sensação de avanço.

3.

## ERROS NO SISTEMA

Consegui desligar o telefone sem referir Burton a Shaylene. Shaylene saía umas quantas vezes com ele durante o liceu, mas ficara mais interessada quando ele voltara dos Marines, com aquele peito e as histórias sobre o Haptic Recon 1 que corriam pela povoação. Flynnne imaginava que Shaylene tivesse aquilo a que os programas sobre relações chamavam de patologia romântica. Não que houvesse muito melhor nas redondezas.

Tanto ela como Shaylene recebiam que Burton se metesse em apuros com os Lucas 4:5, mas, em relação a ele, era só com isso que concordavam. Ninguém gostava dos Lucas 4:5, mas Burton tinha qualquer coisa má contra eles. Imaginava que fossem apenas convenientes, mas isso assustava-a.

Haviam começado como igreja, ou numa igreja, sem gostarem de *gays*, de abortos e de meios contraceptivos. Manifestavam-se contra os funerais militares, que estavam na moda. Mas, no fundo, não passavam de idiotas, e aceitavam o facto de todos os verem como idiotas, como prova da satisfação de Deus. Para Burton, eles eram um desvio em relação ao que o mantinha na linha.

Flynnne chegou-se à frente e espreitou debaixo da mesa, à procura do estojo de *nylon* preto onde ele guardava o *tomahawk*. Não queria que ele fosse a Davisville com aquilo. Ele chamava-lhe machado, e não *tomahawk*, mas um machado era algo com o qual se cortava lenha. Estendeu a mão, soltou-o e ficou aliviada ao sentir o peso. Não precisava de o abrir, mas fê-lo. O estojo era mais largo no topo, com espaço para a parte com que se rachava madeira. Parecia a lâmina de um escopro, mas em forma de bico de falcão. Na parte onde o machado seria chato, como a cabeça de um martelo, tinha um espigão aguçado, como uma miniatura da lâmina, mas com uma curva inversa. Ambos os lados tinham a grossura de um mindinho, mas com gumes que nos

cortariam sem que o sentíssemos. O cabo era gracioso, um pouco recurvado, a madeira embebida em algo que a endurecera. O fabricante tinha uma forja no Tennessee, e todos os elementos do Haptic Recon 1 o recebiam. Parecia usado. Tendo cuidado com os dedos, Flynn fechou o estojo e devolveu-o ao seu lugar debaixo da mesa.

Passou com o telefone pelo *display*, confirmando o mapa do Badger da zona. A chancela de Shaylene estava na Forever Fab, um ansioso segmento de roxo no anel. Ninguém parecia andar a fazer grande coisa, o que não era propriamente uma surpresa. Madison e Janice estavam a jogar Sukhoi Flankers, sendo os simuladores de voo o principal rendimento de Madison. Ambos tinham anéis beges, de profundamente enfiados, mas era sempre essa a cor que ostentavam. Eram, assim, quatro pessoas que conhecia a trabalhar, contando com ela.

Inclinou o telefone na posição de que gostava para jogar, introduziu Hapt-Rec na janela de acesso, digitou a *password* comprida. Acionou ENTRAR. Não aconteceu nada. Depois o *display* cintilou, como o flash de uma máquina fotográfica num filme antigo, prateado como as marcas dos hápticos. Pestanejou.

E depois estava a subir, a partir do que Burton dissera ser um portal de lançamento no tejadilho de uma carrinha. Como se estivesse num elevador. Ainda sem controlo.

E, à volta dela, algo que ele não referira, ouvia murmúrios, tão ansiosos como ténues, qual nuvem invisível de agentes de polícia-fada.

E outra cor de lusco-fusco, chuvosa, cor-de-rosa e prateada, e à esquerda um rio da cor de chumbo gelado. O amontoado escuro de construções da cidade, torres à distância, poucas luzes.

Câmara para baixo com o retângulo branco que era a carrinha, a encolher na rua lá em baixo. Câmara para cima com o edifício a erguer-se eternamente, uma falésia do tamanho do mundo.

4.

## ALGO PROFUNDAMENTE MERECIDO

**L**orenzo, operador de câmara de Rainey, com o seu olhar profissional e deliberado, firme e tranquilo, encontrou Daedra pelas janelas com vista para o convés superior frontal do moby.

Netherton não o admitiria a Rainey, nem a mais ninguém, mas arrependia-se do envolvimento. Deixara-se ser arrebatado pelo conceito de ser de outrem, algo mais durável e mais brutalmente simples.

Estava agora a vê-la, ou, antes, Lorenzo via-a, no seu blusão de pele de borrego, com óculos e mais nada. Reparou, desejando não o ter feito, no monte de Vénus com um mohawk recém-gravado. Imaginava que as tatuagens fossem representações estilizadas das correntes que alimentavam e mantinham o Giro do Pacífico Norte. Novas e brilhantes, por baixo de um unguento à base de silicone. A maquilhagem tê-lo-ia delineado corretamente.

Parte de uma janela deslizou para o lado. Lorenzo saiu.

— Tenho o Wilf Netherton — ouviu-o Netherton dizer. Depois, a chancela de Lorenzo desapareceu, com a de Daedra a ocupar o seu lugar.

As mãos dela ergueram-se e agarraram as lapelas do blusão aberto.

— Wilf. Como estás?

— Gosto de te ver — disse ele.

Ela sorriu, exibindo dentes cuja forma e disposição poderiam ter sido decididos por um comité. Aconchegou o blusão, os punhos ao nível do esterno.

— Estás zangado com as tatuagens — constatou ela.

— Combinámos que não o farias.

— Tenho de fazer o que adoro, Wilf. Não estava a adorar não as fazer.

— Longe de mim pôr em causa o teu processo — disse Netherton, canalizando a irritação profunda para o que esperava que passasse, pelo menos, por sinceridade, se não por compreensão. Essa capacidade era a sua alquimia

peculiar, embora, naquele momento, a ressaca estivesse a intrometer-se. — Lembras-te da Annie, a melhor das nossas curadoras neoprimitivistas?

Daedra semicerrou os olhos.

— A gira?

— Isso — concordou ele, embora não o achasse realmente. — Tomámos um copo juntos, eu e ela, depois daquela sessão final no Connaught, quando tiveste de te ir embora.

— O que tem ela?

— Percebi que ela tinha ficado estupefacta com a admiração. Despejou tudo assim que te foste. A devastação por estar demasiado assoberbada para falar contigo, sobre a tua arte.

— Ela é artista?

— Académica. Desde a adolescência que é louca por tudo o que fizeste. Fez a assinatura da coleção completa de miniaturas, algo que ela não tem como pagar. Ao ouvi-la, compreendi a tua carreira como se fosse pela primeira vez.

Daedra meneou a cabeça e deslocou o cabelo. O blusão deve ter-se aberto quando ela levantou uma mão para tirar os óculos, mas Lorenzo não estava a ver nada.

Netherton arregalou os olhos, preparando-se para debitar algo que ainda não inventara, depois de todas as mentiras até então. Depois lembrou-se que ela não conseguia ver. Que estava a olhar para alguém chamado Lorenzo, no convés superior de um moby, do outro lado do mundo.

— Sobretudo, ela queria transmitir uma ideia que teve, por te ter conhecido pessoalmente. Sobre um novo sentido de *timing* no teu trabalho. Ela vê o *timing* como sendo a chave para a tua maturação enquanto artista.

Lorenzo focou melhor. De repente, Netherton sentiu-se como se estivesse a centímetros dos lábios dela. Recordou o seu cheiro não-animal peculiarmente forte.

— *Timing*? — perguntou Daedra num tom átono.

— Quem me dera tê-la gravado. É impossível parafrasear. — O que dissera antes? — Que te sentes mais segura agora? Que sempre foste corajosa, temerária, até, mas que esta nova confiança é diferente. Algo, segundo disse, profundamente merecido. Da última vez pretendia discutir as ideias dela contigo, ao jantar, mas o serão acabou por ser diferente.

Daedra tinha a cabeça imóvel, os olhos sem pestanejar. Netherton imaginou-lhe o ego a surgir atrás deles, para o espreitar, desconfiado, algo larval, como uma enguia, de ossos transparentes. Estava a cativar-lhe a atenção plena.



— Se as coisas tivessem sido diferentes — ouviu-se a dizer —, não estaríamos a ter esta conversa.

— Porquê?

— Porque a Annie te diria que a entrada em que estás a pensar resulta de um impulso retrógrado, algo que remonta ao início da tua carreira. Não tem a ver com este novo sentido de *timing*.

Daedra fitava-o, ou, melhor, a quem Lorenzo era. E depois sorriu. Um prazer que lhe refletia o que estava por trás dos olhos.

A chancela de Rainey entrou em modo de privacidade.

— Agora ia querer um filho teu — disse ela, a partir de Toronto —, mas eu sei que ia sempre mentir.

5.

## LIBELINHAS

**E**squecera-se de urinar. Teve de deixar o cóptero em piloto-automático a descrever um perímetro, a cinco metros do edifício do cliente, e correr até à nova retrete de compostagem de Burton. Depois puxou o fecho dos calções cortados, abotoou-os, atirou uma concha de serradura de cedro para o buraco e saiu porta fora, deixando o grande frasco de desinfetante governamental que ele pendurara no exterior a fazer de pêndulo. Bateu no plástico branco para retirar um pouco de líquido, esfregou as palmas, e interrogou-se se ele teria roubado o frasco no hospital da AV.

De volta ao interior, abriu o frigorífico, pegou num pedaço da carne seca caseira de Leon e num *Red Bull*. Enfiou a tira de carne na boca ao sentar-se e levou a mão ao telefone.

Os  *paparazzi*  estavam de volta. Pareciam libelinhas de piso duplo, as asas ou rotores transparentes com a velocidade, uma pequena protuberância transparente na extremidade frontal. Tentou contá-los, mas eram rápidos e estavam em movimento constante. Talvez seis, talvez dez. Estavam interessados no edifício. Pareciam IA a imitar insetos, mas ela também sabia como o fazer. Não pareciam querer fazer nada além de pairar e investir, as cabeças na direção do edifício. Aproximou-se de um par deles, viu-os a fugir. Voltariam. Pareciam estar à espera de alguma coisa, obviamente no quinquagésimo sexto piso.

O edifício era preto em certos ângulos, mas, na verdade, a sua cor era um castanho-bronzeado muito escuro. Os pisos em que ela estava a trabalhar não tinham janelas, ou então estavam cobertas. A fachada exibia grandes retângulos lisos, alguns verticais, outros horizontais, sem uma ordem clara.

De acordo com o indicador de pisos do *display*, as fadas haviam-se silenciado depois de ela ultrapassar o vinte. Seria algum nível de protocolo mais

rígido? Não se importava de as ter de volta. As coisas ali em cima não eram assim muito interessantes, a enxotar libelinhas. Se estivesse no seu tempo livre, ia apreciar as vistas da cidade, mas não estava a ser paga para gozar o panorama.

Lá em baixo parecia haver pelo menos uma rua transparente, iluminada a partir do fundo, como se estivesse pavimentada com vidro. Quase não havia trânsito. Talvez ainda não o tivessem criado. Pensou ter visto algo bípede a andar à beira da mata, ou então um parque, demasiado grande para ser humano. Alguns dos veículos não tinham luzes. E algo enorme flutuara lentamente por ali, além das torres distantes, como uma baleia, ou um tubarão do tamanho de uma baleia. Tinha luzes, como um avião.

Testou a textura da carne seca. Ainda não.

Atirou-se a uma libelinha com câmara frontal. Não importava a velocidade que alcançava, elas desapareciam. Foi então que um retângulo horizontal se baixou, tornando-se uma plataforma, deixando ver uma parede de vidro fosco, a brilhar.

Tirou a carne da boca, pousou-a na mesa. Os insetos estavam de volta, a competir por uma posição à frente da janela, se é que era disso que se tratava. A mão livre encontrou o *Red Bull*, abriu-o. Bebeu um gole.

Depois, a sombra do traseiro magro de uma mulher apareceu contra o vidro fosco. Depois omoplatas, mais acima. Apenas sombras. Depois mãos, de homem, a julgar pelo tamanho, acima das sombras das omoplatas da mulher, os dedos abertos.

Engoliu, a bebida a lembrar xarope para a tosse frio e diluído.

— Xô — disse ela, e agitou-a na direção dos insetos, dispersando-os.

Uma das mãos do homem deixou o vidro, a sombra a desvanecer-se. Depois a mulher afastou-se, com a outra mão do homem a permanecer onde estava. Flynne imaginou-o inclinado contra o vidro, e que não houvera o beijo que ele esperara, ou, se houvera, não tivera o resultado desejado.

Melancólico, para um jogo. Podia abrir-se um programa sobre relações sérias com isso. Depois, a mão remanescente desapareceu. Flynne imaginou um gesto impaciente.

O telefone tocou. Ligou a alta-voz.

— Tudo bem? — Era Burton.

— Entrei — disse ela. — Estás em Davisville?

— Acabei de chegar.

— Os Lucas apareceram?

— Estão cá — confirmou ele.

— Não te metas com eles, Burton.

— Nem pensar.

Pois.

— Costuma acontecer alguma coisa neste jogo?

— As câmaras — disse ele. — Estás a afastá-las?

— Sim. E abriu-se uma espécie de varanda. Uma janela alta de vidro fosco, com luzes no interior. Vi sombras de pessoas.

— Foi mais do que eu já vi.

— Vi um dirigível, ou assim. Para onde vai?

— Para lado nenhum. Mantém as câmaras afastadas.

— Isto parece mais um trabalho de segurança do que um jogo.

— Talvez seja um jogo sobre trabalhar em segurança. Tenho de desligar.

— Porquê?

— O Leon voltou. Cachorros de kimchi. Gostava que aqui estivesses.

— Diz-lhe que tenho de trabalhar. Para o cabrão do meu irmão.

— Claro — respondeu Burton, após o que desligou.

Flynne investiu contra os insetos.

6.

## ZONISTAS

Lorenzo captou a aproximação do moby à cidade. As suas mãos, na amurada, e as de Netherton, nos braços almofadados da cadeira mais confortável na sala, pareceram fundir-se momentaneamente, uma sensação tão inominável como a cidade dos zonistas.

Os curadores insistiam que não era uma cidade, mas sim uma escultura incremental. Mais concretamente, um objeto de ritual. De um translúcido pardo, ligeiramente amarelado, a sua substância recuperada na forma de partículas suspensas da coluna superior de água da Grande Zona de Lixo do Pacífico. Com um peso estimado de três milhões de toneladas e em constante crescimento, era perfeitamente flutuante, mantida à tona por bexigas segmentadas, cada uma do tamanho de um grande aeroporto do século anterior.

Contava com menos de uma centena de habitantes conhecidos, mas aquilo que se reunia continuamente parecia também comer câmaras, pelo que pouco se sabia realmente acerca deles.

O carrinho de serviço aproximou-se ligeiramente do braço da cadeira, lembrando-o do café.

— Apanha isto, Lorenzo — ordenou Rainey, e Lorenzo virou-se para filmar Daedra, no meio de um enxame de especialistas. Uma Michikoid de porcelana branca, de fato de marinheiro vitoriano, estava ajoelhada a abotoar as botas de cano alto de Daedra, artisticamente gastas. Uma variedade de câmaras pairava, uma delas equipada com uma ventoinha para lhe fazer mexer a franja. Imaginou que o teste de vento indicasse que iria avançar sem capacidade.

— Nada mau — elogiou, incapaz de resistir a admirar o corte do novo fato colante de corpo inteiro —, isto, se a conseguirmos manter lá dentro. — Como se o tivesse ouvido, Daedra abriu um pouco o fecho, correndo-o

depois um pouco mais, expondo um arco gorduroso de corrente abstrata do Giro.

— Armou-se em esperta com o ficheiro de impressão do fecho de correr — disse Rainey. — Espero que não tente abri-lo mais até lá estar em baixo.

— Não vai gostar quando estiver — comentou ele.

— Não vai gostar que lhe tenhas mentido sobre a curadora.

— A curadora até pode pensar algo parecido. Só vamos saber quando eu falar com ela. — Netherton pegou na caneca sem olhar, levou-a aos lábios. Muito quente. Simples. Talvez sobrevivesse. Os analgésicos começavam a funcionar. — Se ela merecer a percentagem, não se vai preocupar com um fecho preso.

— Isso, partindo do princípio de que o encontro é produtivo — lembrou Rainey.

— Ela tem motivos para que queira que seja um êxito.

— O Lorenzo lançou um par de câmaras maiores — indicou Rainey. — Não demoram a lá chegar. Junto ao acontecimento.

Netherton observava os costureiros, técnicos de maquilhagem, especialistas variados e documentaristas.

— Quantas destas pessoas são nossas?

— Seis, incluindo o Lorenzo. Ele julga que a Michikoid é a segurança.

Netherton assentiu, esquecendo-se de que ela não o via; depois entornou café no roupão de linho quando o *feed* de duas câmaras em alta velocidade lhe entrou no campo de visão, de ambos os lados de Daedra.

O *feed* da ilha deixava-o sempre incomodado.

— Cerca de um quilómetro de separação, a encaminharem-se para oeste-noroeste, a convergir — disse Rainey.

— Nem que me pagassem.

— Não tens de lá ir — garantiu ela —, mas temos os dois de assistir.

As câmaras desciam através de estruturas altas, que lembravam velas. Tudo simultaneamente ciclópico e insubstancial. Vastas praças vazias, avenidas sem destino por onde poderiam marchar centenas de elementos lado a lado.

A descida prosseguiu, sobre crostas secas de algas, ossos ressequidos, montes de sal. Os zonistas, cuja principal diretiva era limpar a coluna de água conspurcada, haviam criado aquele sítio a partir de polímeros recuperados. A forma assumida não fora prevista, um gesto descuidado, por menos atraente que parecesse. Fê-lo querer tomar um duche. O café começava a ensopar a frente do roupão.

Daedra estava agora a ser ajudada a equipar-se com o parafólio, que no seu estado enrolado se assemelhava a uma mochila escarlate, com o logótipo branco dos fabricantes.

— O fólio é colocação de produto dela ou nosso? — perguntou Netherton.

— Do governo dela.

As câmaras detiveram-se abruptamente, encontrando-se em simultâneo sobre a praça escolhida. Desceram, sobre cantos diagonalmente opostos, cada uma a captar a imagem idêntica da outra. Eram aparelhos esqueléticos sobre o comprido, do tamanho de um tabuleiro de chá, cinzentos, em torno de uma pequena fuselagem bolbosa.

Ou Lorenzo ou Rainey ligaram o áudio.

A praça encheu-se com um gemido baixo, a banda sonora típica da ilha. Os zonistas haviam perfurado tubos ocos através de todas as estruturas. O vento soprava pelos topos abertos, criando uma tonalidade composta em constante mudança que ele detestara desde que a ouvira pela primeira vez.

— Precisamos disto? — indagou.

— Quero que o nosso público tenha a sensação total deste sítio.

Alguma coisa se movia à distância, à sua esquerda.

— O que é aquilo?

— Um caminhante eólico.

Com quatro metros de altura, sem cabeça, com um número indeterminado de pernas, era feito do mesmo plástico leitoso oco. Qual carapaça descartada de outra coisa, movendo-se como se animada por um titereiro desajeitado. Abanava para os lados ao avançar, com o jardim de tubos que o cobria a todo o comprimento a contribuir, sem dúvida, para a canção da ilha de plástico.

— Foram eles que o enviaram?

— Não — respondeu Rainey. — Eles libertam-nos para que vagueiem com o vento.

— Não o quero no plano.

— Agora és tu o realizador?

— Não o queres no plano — corrigiu-se.

— O vento está a tratar disso.

A coisa foi avançando rigidamente, a bambolear-se, sobre as pernas ocas translúcidas.

Netherton viu que, no convés superior do moby, a equipa de apoio de Daedra se retirara. A Michikoid de porcelana branca deixou-se ficar e confirmava o parafólio, as mãos e os dedos a moverem-se com uma precisão e

velocidade inumanas. A fita no boné de marinheiro ondulava com a brisa, desta vez verdadeira. A câmara com a ventoinha desaparecera.

— E cá estamos nós — declarou Rainey, com Netherton a ver o primeiro zonista, uma câmara a mudar o ângulo.

Uma criança. Ou qualquer coisa do tamanho de uma criança. Debruçada sobre o guiador de uma pequena bicicleta fantasmagórica, com o quadro da bicicleta tão translúcido como a cidade e o caminhante eólico. Sem impulsão própria, parecia igualmente desprovida de pedais. O zonista avançava raspando repetidamente com os pés na superfície da avenida.

Os zonistas eram ainda mais repelentes para Netherton do que a ilha. Tinham a pele coberta por uma variante adulterada de queratose actínica, o que, paradoxalmente, os protegia de tumores provocados por UV.

— É só um?

— Os satélites mostram-nos a convergir para a praça. Uma dúzia, a contar com este. Tal como combinado.

Observou o zonista, de género indeterminado, a avançar na sua bicicleta sem pedais, os olhos, ou, possivelmente, óculos, uma mancha lateral.



7.

## VIGILANTE

**P**reparavam-se para uma festa atrás do vidro fosco. Flynne sabia disso porque o vidro estava agora transparente, como aquele truque que Burton lhe ensinara com dois pares de óculos de sol.

Os insetos caíram em cima do acontecimento, e ela caiu em cima deles, fazendo o possível para variar o ângulo de ataque. Encontrara maneira de fazer o cóptero comportar-se de formas menos previsíveis. Quase apanhara um assim, atirando-se sobre ele. A proximidade ativara a captura de imagens, um grande plano de um dos insetos, mas isso desaparecera de imediato, sem possibilidade de voltar a ativá-la. Parecia algo que Shaylene pudesse imprimir no Forever Fab. Um brinquedo, ou uma joia mesmo feia.

Devia estar a perseguir insetos, não a apanhá-los. E eles teriam registo do que se passava. Por isso limitar-se-ia a enxotar insetos, mas enquanto o fazia, queria mais do que um mero vislumbre do que se passava no interior.

O casal que estivera contra a janela não se encontrava ali. Não havia qualquer humano. Robôs, pequenas coisinhas beges que se deslocavam quase com demasiada velocidade para serem vistas, aspiravam o soalho, enquanto três raparigas robô quase idênticas punham comida numa mesa comprida. Miúdas robô inspiradas no anime clássico, com rostos de porcelana quase sem feições. Havia criado três grandes arranjos de flores e agora transferiam comida de carrinhos para travessas na mesa. Quando os carrinhos entravam, deslocando-se até à mesa, o borrão bege abria-se o suficiente para os deixar passar. Contornavam-nos como água mecânica, com curvas em ângulo reto perfeitas.

Estava a apreciar mais aquilo do que Burton, se ali estivesse. Queria ver a festa.

Havia programas em que se viam pessoas a preparar casamentos,

funerais, o fim do mundo. Nunca gostara deles. Mas esses não tinham raparigas robô, nem Roombas super-rápidos. Já vira vídeos de robôs a montar coisas em fábricas quase com a mesma rapidez, mas nada do que os miúdos pediam a Shaylene que imprimisse se mexia assim.

Baixou na direção de dois insetos, observando uma das raparigas robô sem mudar de foco. Esta usava um vestido acolchoado com muitos bolsos, de onde espreitavam pequenas ferramentas brilhantes. Usava algo que parecia um palito para dispor coisas individualmente, demasiado pequenas para serem vistas em cima do sushi. Havia olhos pretos redondos no rosto de porcelana, mais afastados do que os olhos humanos, mas não estavam ali antes.

Inclinou um pouco mais o telefone para descansar os dedos. A afugentar os insetos.

O rodopio bege no soalho desapareceu, como uma luz apagada, à exceção de um coitadinho que parecia uma estrela-do-mar, e que teve de sair dali às pancadas sobre as suas rodas nas pontas dos cinco braços. Devia estar avariado.

Entrou uma mulher na sala. Morena, linda. Não era uma brasa típica de jogo de gajo. Era mais real. Como o personagem de IA preferido de Flynnne na Operation Northwind, a francesa, heroína da Resistência. Usava um vestido simples, como uma *t-shirt* comprida, de um cinzento-escuro que passava a preto nos pontos onde o corpo lhe tocava, recordando a Flynnne as sombras na janela. Ao contornar a mesa, o vestido desceu-lhe, exibindo todo o ombro esquerdo.

As raparigas robô interromperam o que estavam a fazer, ergueram a cabeça, agora todas sem olhos, as órbitas rasas tão lisas como os malares. A mulher dirigiu-se ao fim da mesa. Os insetos das câmaras investiram.

Ouviu os seus dedos no telefone, a atirar o cóptero de um lado para o outro, para cima e para baixo.

— Desapareçam — ordenou-lhes.

A mulher chegou-se à janela, olhando para fora, o ombro nu. Depois, a roupa voltou a subir lentamente, cobrindo-lhe o ombro, a gola a subir em V, depois a arredondar-se.

— Bazem! — Atirou-se aos insetos.

A janela voltou a polarizar-se, ou lá o que era.

— Bardamerda — cuspiu aos insetos, mesmo, provavelmente, não sendo culpa deles.

Confirmou o perímetro, para o caso de uma janela se abrir algures e ela não dar por isso. Nada. Também não viu insetos.

Lá atrás, os insetos estavam já a pairar, à espera. Voou por entre eles, fazendo-os desaparecer.

Afastou com a língua o resto da carne seca da bochecha e mastigou. Coçou o nariz.

Cheirou o desinfetante.

Foi atrás dos insetos.

## PILAGEM DUPLA

**O**zonista chefe não tinha pescoço, a menos que estivesse a usar uma espécie de capacete carnavalesco feito de pele queratótica; tinha as feições aproximadas de um sapo e dois pénis.

— Repugnante — comentou Netherton, sem esperar resposta de Rainey.

Com talvez um pouco mais de dois metros e braços desproporcionalmente compridos, o chefe chegara numa bicicleta de roda gigante transparente, com os raios ocios da enorme roda dianteira feitos a partir de ossos de albatroz. Usava um tutu esfarrapado de restos de plástico queimado pelos raios UV, e através dos folhos rasgados via-se aquilo a que Rainey chamou de Pilagem Dupla. O de cima, o mais pequeno dos dois, se é que de facto se tratava de um pénis, estava ereto, quiçá constantemente, e era encimado pelo que parecia ser um chapéu cónico de festa de corno cinzento. O outro, aparentemente mais convencional, pendia, por baixo.

— Certo — disse Rainey —, já cá estão todos.

Entre as lentes das câmaras duplas, Lorenzo observava Daedra de perfil, com esta a fitar os cinco degraus desdobráveis até ao topo da amurada do *moby*. De cabeça inclinada, os olhos baixos, Daedra parecia estar em oração, ou em meditação.

— O que está ela a fazer? — indagou Rainey.

— Visualização.

— Do quê?

— Dela própria, julgo eu.

— Custaste-me uma aposta — disse ela — quando te meteste com ela.

Houve quem julgasse que o fizesses. Eu disse que não.

— Não foi por muito tempo.

— É como estar um bocadinho grávida.

— Momentaneamente grávida.

Daedra ergueu então o queixo e tocou, de um modo quase absorto, na estampa da bandeira americana debotada que tinha sobre o bíceps direito.

— Cá vamos para o auge — exclamou Rainey.

Daedra subiu os degraus e mergulhou graciosamente sobre a amurada.

Uma terceira câmara abriu-se em íris entre as outras duas, esta mais abaixo.

— Micro. Ontem enviámos uns quantos — disse Rainey enquanto o parafólio de Daedra se abria, vermelho e branco, acima da ilha. — Os zonistas mostraram-nos que sabiam, mas ainda não comeram nenhum.

Netherton passou com a língua pelo céu da boca, ignorando o telefone. Viu a cama desfeita.

— Como é que ela te parece? — perguntou Rainey.

— Bem — respondeu ele, levantando-se.

Dirigiu-se à janela de canto verticalmente côncava. Despolarizou-se. Olhou para o cruzamento lá em baixo, para a ausência de movimento absolutamente previsível. Do outro lado de Bloomsbury Street, uma raia de um metro de comprimento de um verde-britânico brilhante, com decalques amarelos, agarrava-se a uma fachada Queen Anne, levando a cabo alguma manutenção menor. Imaginou que estivesse a ser controlada por alguém no seu tempo livre. Era algo que devia ter sido entregue a um enxame invisível de montadores.

— Ela queria fazer isto nua — recordou Rainey —, e coberta de tatuagens.

— Não estava nada coberta. Viste as miniaturas das peles anteriores. Isso é estar coberta.

— Consegui não ver, obrigada.

Tocou duas vezes no céu da boca, levando a que a transmissão, à esquerda e à direita, a partir dos respetivos cantos da praça, lhe mostrasse o zonista chefe e o seu séquito de onze elementos, todos imóveis, a olhar para cima.

— Olha para eles — comentou.

— Odeia-los mesmo, não é?

— E não devia? Olha só para aquilo.

— Não é preciso gostar do aspeto deles. O canibalismo é problemático, se é que as histórias são verdadeiras, mas eles limpam a coluna de água, e praticamente sem investimento de capital por parte de ninguém. E agora detêm aquela que é, sem dúvida, a maior porção de polímero reciclado do mundo. O que, para mim, me parece um país, mesmo que ainda não seja um estado-nação.

Os zonistas, de motoretas e bicicletas de pés, haviam-se disposto aproximadamente num círculo em torno do chefe, que deixara a bicicleta gigante de lado, no extremo da praça. Os outros eram mínimos, comparados com o chefe, caricaturas repugnantes de carne cinzenta áspera. Usavam camadas de trapos, cinzentos com o sol e o sal. Obviamente, as modificações haviam sido fartas. A mais claramente feminina tinha seis peitos, a sua carne exposta marcada não com tatuagens, mas com padrões meticulosamente sem significado expressos com escamas pseudoictiográficas. Todos tinham pés sem dedos iguais. Os trapos adejavam com o vento, sem que mais nada se movesse na praça.

Na transmissão central, Daedra desceu, descreveu um arco e voltou a subir. O parafólio alterava a envergadura e o perfil.

— Cá vem ela — exclamou Rainey.

Daedra desceu ao longo da mais larga das avenidas que se cruzavam, com o parafólio agora a metamorfosear-se ritmicamente, a travar, qual alforreca num vídeo acelerado. Ela mal cambaleou quando os pés tocaram no polímero, levantando nuvens de sal.

O parafólio libertou-a, encolhendo-se de imediato, e pousou sobre quatro patas, mas apenas por um segundo ou dois. Depois assentou, outra vez bilobado, o logótipo para cima. Netherton sabia que nunca pousaria com o logo para baixo. Mais um auge. A transmissão do micro foi cortada.

Nas duas transmissões das câmaras acima da praça, nos seus ângulos opostos, Daedra abrandou, mantendo-se incrivelmente direita, até parar no meio do círculo de pequenas figuras.

O zonista chefe mexeu os pés, virando-se. Os olhos, engastados nos cantos da cabeça vasta e absolutamente inumana, pareciam algo desenhado, e depois apagado, por uma criança.

— É agora — exclamou Rainey.

Daedra ergueu a mão direita no que podia ser um gesto de cumprimento ou a prova de que estava desarmada.

Netherton viu que a esquerda começara a abrir o macacão. O fecho encravou-se um palmo abaixo do esterno.

— Puta — disse Rainey, quase alegremente, quando uma fúria contida cruzou o rosto de Daedra.

A mão esquerda do zonista chefe, qual equipamento desportivo feito a partir de cabedal cinzento manchado de sal, fechou-se à volta do pulso direito de Daedra. Ergueu-a, com as botas cuidadosamente gastas a afastarem-se do piso. Ela pontapeou-o com força na barriga, logo acima do tutu de plástico rasgado, com sal a saltar do ponto de impacto.

O zonista aproximou-a, deixando-a suspensa acima do pseudofalo de ponta de chifre. A mão esquerda da mulher tocou-lhe no flanco, logo abaixo das costelas. Tinha os dedos recurvados, embora frouxamente, o polegar contra a carne cinzenta.

Ele estremeceu por um instante. Balançou.

Daedra ergueu os pés, firmou-os contra a barriga do zonista e empurrou. Quando o punho se afastou, parecia que estava a arrancar um pedaço de fita métrica roxa. A unha do polegar. Tão comprida, quando totalmente à vista, como o antebraço. O sangue dele brilhava contra o mundo cinzento.

Largou-a. Daedra aterrou de costas, rebolou de imediato, a unha já reduzida a metade. O zonista abriu a vasta goela, onde Netherton só viu trevas, e tombou para a frente.

Daedra já estava de pé, a virar-se lentamente, ambas as unhas dos polegares côncavas e ligeiramente recurvadas, a esquerda húmida com o sangue do zonista.

— Hipersónico — disse uma voz desconhecida no *feed* de Rainey, num tom sereno e desprovido de género. — A chegar. Desaceleração. Onda de choque.

Ele nunca ouvira um trovão ali.

Seis cilindros verticais de um branco imaculado, a espaços regulares, haviam surgido acima, e ligeiramente para fora do círculo de zonistas, os quais haviam largado as motoretas e as bicicletas e dado um primeiro passo na direção de Daedra. Uma linha vertical de minúsculas agulhas cor de laranja realizou uma dança mortal sobre cada um dos zonistas, os quais, sem que Netherton percebesse como, foram desfeitos. As lentes das câmaras de Lorenzo detiveram-se: na silhueta negra, perfeita, impossível de uma mão decepada, que quase enchia o enquadramento.

— Estamos tão fodidos — exclamou Rainey, num espanto pueril total.

Netherton viu-se obrigado a concordar ao ver a Michikoid, no convés do moby, a estender múltiplos olhos de aranha e fendas com canos de armas, no instante imediatamente antes de saltar sobre a amurada.

## CUSTÓDIA PROTETORA

Londres.

Baixara os LED, pois isso tornava mais fácil avistar os insetos. Deixou-os assim. Esperara poder fazer a descida pela lateral do edifício de volta à carrinha, pois na altura já não estaria de serviço e poderia então observar tudo, mas eles tinham-na pura e simplesmente expulsado.

Desdobrou o telefone, estalou os dedos e depois ficou à meia-luz, a fazer uma busca por imagens de cidades. Não demorou muito. A curva no rio, a textura dos edifícios mais baixos e antigos, o contraste entre eles e os mais altos. A Londres verdadeira não tinha tantos tão altos, e na Londres verdadeira, os altos estavam mais agrupados, tinham mais formas e alturas. A Londres do jogo apresentava mega-agrupamentos, a espaços regulares, mas mais distantes, como numa grelha. Uma grelha muito própria, pois sabia que Londres nunca tivera nenhuma.

Interrogou-se onde deixar o papel com as informações de acesso. Decidiu-se pelo estojo do *tomahawk*. Quando o devolvia à parte de baixo da mesa, o telefone tocou. Leon.

— Onde está ele? — perguntou Flynne.

— Dentro — respondeu o irmão —, custódia protetora.

— Preso?

— Não. Fechado.

— O que fez ele?

— Armou-se. Depois, os da Interna fartaram-se de rir. Eles gostaram. Deram-lhe um cigarro chinês.

— Ele não fuma.

— Pode trocá-lo por alguma coisa.

— Tiraram-lhe o telefone?



— A Interna tira o telefone a toda a gente.

Olhou para o seu. Macon ainda o imprimira na semana anterior. Esperava que estivesse tudo correto, pois a Segurança Interna ia passar a acompanhá-lo.

— Disseram quanto tempo ele ia ficar dentro?

— Nunca dizem — respondeu Leon. — Faz sentido se for até os Lucas se irem embora.

— E como vai isso?

— Mais ou menos na mesma de quando chegámos.

— O que aconteceu?

— Um gajo grande, com um cartaz de Deus odeia tudo. O Burton disse para te dizer no mesmo sítio à mesma hora. Aquilo que estás a fazer para ele. Até voltar. Disse que era mais cinco, vez sim, vez não.

— Diz-lhe que são todas mais cinco. Aquilo que lhe estão a pagar.

— É por isso que dou graças por não ter uma irmã.

— Tens uma prima, monte de esterco.

— Jura.

— Fica em cima do Burton, Leon.

— ‘Tá bem.

Confirmou Shaylene no Badger. Ainda lá estava, ainda púrpura. Ia até lá. Talvez visitasse Macon, perguntava-lhe pelo telefone de Burton, e pelo dela.

## THE MAENADS' CRUSH

**N**etherton imaginava que aquilo fosse um bar para turistas, uma arca-da reservada da década de 1830 a um canto de Covent Garden, onde se era atendido por uma Michikoid solitária que ele ficou à espera que explodisse numa série de aparelhos de procura de alvos. Havia um cartaz de *pub* à escala real e de aspeto energicamente autêntico, com o que lhe pareceram ser várias ménades, por cima de um bar suficientemente comprido para abarcar quatro bancos, e o recanto dividido com uma cortina onde ele agora aguardava por Rainey. Nunca vira outro cliente naquele sítio, razão por que o sugerira.

A cortina, de veludo borgonha grosso, desviou-se. Um olho de criança deixou-se ver, cor de avelã por baixo de uma franja loura.

— Rainey? — perguntou ele, embora tivesse a certeza de que era ela.

— Desculpa — lamentou-se a criança, entrando para a alcova. — Não tinham nada em adulto. Hoje há qualquer coisa popular na ópera, portanto está toda a gente ocupada.

Imaginou-a naquele momento, deitada num divã no apartamento alougado de Toronto, uma ponte sobre uma avenida, ligando na diagonal duas torres antigas. Estaria a usar uma faixa na cabeça, de modo a levar o sistema nervoso a acreditar que os movimentos do periférico alugado eram os dela num sonho.

— Estou sem Michikoids — disse ela, parecendo ter dez anos, talvez menos, e à semelhança de muitos alugueres do género, sem se parecer com ninguém em particular. — Fiquei a ver aquela do *moby*, enquanto guardava a Daedra. Que nojo. Mexem-se como aranhas quando é preciso. — Ocupou a cadeira à frente dele e mirou-o, carrancuda.

— Onde está ela?

— Não faço ideia. O governo dela enviou uma aeronave qualquer, mas é claro que apagaram a extração. Mandaram o moby desaparecer dali.

— Mas pudeste ficar a ver.

— Não a extração, mas tudo o resto. O grandalhão de cara no chão, os outros cortados às postas. Não apareceu mais nenhum, por isso não houve mais baixas. O que para nós, teoricamente, é bom, supondo que o projeto continua.

— A sua amiga deseja alguma coisa, senhor? — perguntou a Michikoid detrás da cortina.

— Não — respondeu Netherton, como se não valesse a pena introduzir álcool de qualidade num periférico. Não que aquele sítio o tivesse.

— Ele é meu tio — disse ela em voz alta —, a sério.

— Tu é que sugeriste que nos encontrássemos assim — recordou-a Netherton. Bebeu um gole do uísque mais barato da casa, idêntico ao mais caro, que ele provara enquanto a aguardava.

— Merda — exclamou ela, com a mão pequena a gesticular de modo a abarcar a situação em que se encontravam. — Muita. Às carradas. Por todo o lado.

Netherton imaginava que Rainey trabalhasse para o governo canadiano, embora, sem dúvida, eles se escusassem a qualquer responsabilidade pelas ações dela. Parecia-lhe um acordo de uma simplicidade espantosamente crua, já que ela provavelmente saberia, pelo menos aproximadamente, quem eram os seus superiores.

— Importas-te de ser mais específica? — pediu-lhe.

— Os sauditas estão fora — disse ela.

Netherton já o esperava.

— Singapura está fora — continuou Rainey. — A nossa meia dúzia de maiores ONG.

— Saíram?

A criança assentiu.

— França, Dinamarca...

— Quem resta?

— Os Estados Unidos — respondeu ela. — E uma facção do governo neozelandês.

Netherton deu um gole de uísque. A sua pequena língua de fogo na dele. A menina inclinou a cabeça.

— Foi considerado um assassinato.

— Isso é absurdo.

— Foi o que ouvimos.

— Quem?

— Não pergunte.

— Não acredito.

— Wilf — disse a criança, chegando-se à frente —, aquilo foi uma armação. Fomos usados para ajudar a matá-lo, além do séquito.

— A Daedra tinha uma percentagem substancial a receber com qualquer resultado bem-sucedido. Além disso, o que aconteceu não pode ter sido bom para ela.

— Autodefesa, Wilf. Nada mais fácil. Ambos sabemos que ela os queria provocar. Precisava de uma desculpa para que fosse autodefesa.

— Mas ela ia ser sempre a figura de contacto, não era? Já fazia parte do pacote quando assinaste o contrato. Não era?

A criança assentiu.

— Depois contrataste-me. Quem é que a trouxe, logo para começar?

— Essas questões — disse ela, com a sua dicção infantil a aperfeiçoar-se cada vez mais — sugerem que não compreendes a nossa situação. Nenhum de nós tem interesse nas respostas a questões dessas. Vamos ser muito afetados com isto, Wilf, profissionalmente. Mas isso... — Deixou a frase por concluir.

Netherton fitou os olhos frios do periférico.

— É melhor do que ser afetado de outra maneira?

— Nem sabemos — afirmou a criança —, nem queremos saber.

Netherton olhou para o uísque.

— Estavam a acompanhá-la com um sistema de armamento hipersónico, não era? Qualquer coisa orbital, pronta a entrar em ação.

— Mas seria de esperar com o governo dela. É isso que eles fazem. Mas nem devíamos estar a falar sobre isto. Já acabou. Precisamos que tenha acabado. Já.

Fitou-a.

— Podia ser pior — disse Rainey.

— Podia?

— Ainda aí estás sentado — observou a criança. — Eu estou em casa, quentinha no meu pijama. Estamos vivos. E prestes a começar a procurar trabalho, imagino. Deixemos as coisas como estão, certo?

Netherton assentiu.

— Isto provavelmente seria menos complicado se não tivesses tido uma relação sexual com ela. Mas isso foi breve. E já acabou. Já acabou, não acabou, Wilf?

— Claro.

— Sem pontas soltas? — perguntou ela. — Não te esqueceste da lâmina de barbear? Porque precisamos que tenha acabado, Wilf. A sério. Precisamos que não haja motivo para teres de voltar a entrar em contacto com ela.

Foi então que ele se lembrou.

Mas era fácil de resolver. Não havia necessidade de contar a Rainey.

Levou a mão ao uísque.

11.

## TARÂNTULA

**P**rendeu a bicicleta no beco e usou o telefone para entrar pelas traseiras da Forever Fab, cheirando as panquecas e o arroz de camarão do dia do Sushi Barn. Panquecas significava que estavam a imprimir com o plástico que se podia compostar. O camarão do dia era o lanche noturno de Shaylene.

Edward estava num banco no meio do espaço, a monitorizar. Usava óculos de sol para se proteger dos clarões de UV, com o Viz por trás dos óculos, de um lado. À luz ténue, os óculos pareciam da mesma cor do rosto, apenas mais brilhantes.

— Viste o Macon? — perguntou Flynnne.

— Macon não. — Quase em estado de coma com o enfado e com o avançado da hora.

— Queres fazer uma pausa, Edward?

— Estou bem.

Flynnne olhou para a comprida mesa de trabalho, cheia de trabalhos a precisar de serem afinados, alisados, montados. Passara muitas horas àquela mesa. Naquela noite parecia que estavam a imprimir brinquedos, ou talvez decorações para o Quatro.

Dirigiu-se à frente, encontrou Shaylene a ver as notícias: portadores de cartazes com maus fígados. Shaylene ergueu o olhar.

— Sabes do Burton?

— Não — mentiu Flynnne. — O que se passa? — Não queria falar sobre Burton. Zero probabilidades de o evitar.

— A Interna levou uns quantos veteranos. Estou preocupada com ele. Pedi ao Edward que te substituísse.

— Eu vi — disse Flynnne. — Pequeno-almoço?

— Levantaste-te cedo.

— Não dormi. — Não dissera o que precisava de fazer, nem o diria agora.  
— Viste o Macon?

Shaylene percorreu o *display* com uma elegante unha de resina, com os Lucas 4:5 a regressarem ao verde de uma savana imaginária.

— Não foi esse tipo de noite. — Ou seja, fizera a noitada porque havia um excesso de trabalho a ser feito, não porque Macon precisasse de paz e sossego para criar as piadas. Flynnne não sabia quanto do rendimento do Fab viria das piadas, mas imaginava que fosse uma boa parte. Havia um *franchise* do Fabbit mais ao fundo da autoestrada, com impressoras maiores e mais variadas, nas no Fabbit não se fazia nada de contra. — Estou de dieta — disse Shaylene. Flamingos alçaram voo na savana.

— É o roxo?

— Burton — disse Shaylene, levantando-se e puxando as calças com um dedo.

— O Burton sabe cuidar dele.

— A AV não vai fazer peva para o ajudar a recuperar.

Aquilo que Shaylene via como sendo o principal sintoma de stresse traumático de Burton era a sua incapacidade constante de a convidar para sair, pensou Flynnne.

Shaylene suspirou por Flynnne não perceber como era o irmão. Shaylene tinha pelo na venta, dissera em tempos a mãe de Flynnne. Era algo que vinha sempre ao de cima, como tinta de marcador que sobressai em tinta de látex. Flynnne gostava dela, menos na questão de Burton.

— Se vires o Macon, pede-lhe que entre em contacto comigo. Preciso de ajuda com o telefone. — Fez menção de sair dali.

— Desculpa ser uma cabra — disse Shaylene.

Flynnne apertou-lhe o ombro.

— Digo-te alguma coisa assim que souber dele.

Voltou a sair pelas traseiras, com um breve aceno de cabeça a Edward.

Conner Penske passou na sua Tarântula quando ela saía do beco atrás do Fab, com o que restava dele a parecer um rabisco escuro atrás das duas rodas da frente. Janet cosia-lhe uma espécie de peúgas com vários fechos feitas de *Polartec* preto. Enquanto Janet trabalhava nelas, pareciam estojos feitos à medida para coisas inimagináveis, o que Flynnne imaginava que até fosse verdade. Era o outro único veterano da HaptRec e regressara num dos estados que Flynnne rezeira pudesse ser o destino de Burton: menos uma perna, o pé da outra, o braço do lado oposto, e o polegar e dois dedos da mão restante. O rosto bonito saíra ileso, o que tornava tudo ainda mais bizarro. Sentiu o

cheiro de gordura de frango frito reciclado no escape do veículo de três rodas, com o enorme pneu traseiro a desaparecer Baker Way abaixo. Andava sempre de noite, normalmente pelas estradas secundárias neste condado e nos outros dois ou três seguintes, controlando o veículo com um servo pago pela AV. Flynnne imaginava que fosse assim que ele se descontraía. Basicamente só parava quando o combustível estava em baixo, ligado a um cateter do Texas e pedrado com algo que o despertava. Dormia o dia todo sempre que podia. Por vezes, Burton ajudava-o em casa. Entristecia-a. Sempre fora um rapaz simpático no liceu, muito bonito. Que Flynnne soubesse, nem ele nem Burton alguma vez haviam falado sobre o que lhe acontecera.

Dirigiu-se ao Jimmy's e sentou-se ao balcão, pedindo ovos, bacon e torrada, sem café. No espelho do *Red Bull* atrás do balcão, o touro viu-a e piscou-lhe o olho. Flynnne evitou o contacto visual. Detestava quando eles a tratavam pelo nome.

Aquele espelho era a coisa mais recente no Jimmy's, um sítio que já era velho quando a mãe dela andara no liceu. Tudo o que era velho no Jimmy's havia sido pintado a dada altura de castanho-escuro brilhante, mesmo o soa-lho. As cebolas começavam a fritar para o pessoal do almoço. Faziam-lhe arder os olhos. Ia ficar com o cheiro no cabelo.

O Hefty Mart estaria aberto. Ia percorrer os corredores, enquanto empilhadores trariam paletes embrulhadas em película transparente. Gostava de lá ir bem cedo. Gastaria uma das notas de cinco em dois sacos de compras, coisas que guardaria no armário. Os vizinhos haviam colhido mais legumes do que seriam capazes de consumir graças a uma chuvada inesperada. Depois passaria pelo Pharma Jon e empregaria outra das notas de cinco nas receitas da mãe. A seguir voltaria a casa, descarregaria as bolsas e guardaria o conteúdo no armário. Teria sorte se não acordasse ninguém além do gato.

A borda do balcão estava rematada com LED como os da caravana de Burton, sob uma aplicação mais grosseira de polímero. Nunca os vira acesos, mas há já pelo menos um ano que ali não entrava com o estabelecimento em modo de bar. Pressionou o polímero com o dedo e sentiu-o a ceder.

Antes de se alistarem, Burton e Leon tinham aprendido que se podia usar uma seringa para injetar o material, ainda líquido, na parte do cartucho que continha os chumbos e depois cobrir o buraco que se fizera. O polímero mantinha-se líquido lá dentro, pelo menos a maior parte do tempo, entre as bolinhas de chumbo, pelo que não se expandia. Quando se disparava o cartucho, o polímero solidificava ao sair do cano, produzindo um bloco estranho de polímero e chumbo com a forma de uma batata, tão lento que



quase se podia vê-lo a sair do cano. Pesados e elásticos, atiravam-nos contra as paredes e o teto de betão do abrigo contra tempestades do condado, tentando acertar em coisas ao virar da esquina. Leon obtivera as chaves do sítio. Parecia estranho ir lá sem o resto das pessoas a protegerem-se de um tornado. Passado algum tempo, Burton conseguiu mesmo começar a acertar em coisas ao virar das esquinas, mas o som da *Mossberg* feria-lhe os ouvidos, mesmo com tampões.

Na altura, Burton era diferente. Não só mais magro, desengonçado, algo que agora parecia impossível, mas também desleixado. Na véspera, ela reparara em como tudo aquilo em que ela não tocara na caravana estava alinhado com outra coisa. Leon dissera que os Corps haviam transformado Burton num louco pela arrumação, mas ela nunca pensara nisso. Disse para consigo que teria de levar a lata vazia de *Red Bull* para a reciclagem, que devia passar mais tempo a arrumar as coisas.

A rapariga levou-lhe os ovos.

Ouviu o triciclo de Conner voltar a passar, além do parque de estacionamento. Não havia mais nada na estrada que fizesse aquele barulho. A polícia ignorava-o, grosso modo, porque ele quase só andava durante a noite.

Flynn esperou que ele estivesse a caminho de casa.

12.

## TILACINO

**Q**uisera impressioná-la, e não havia melhor maneira de o fazer do que oferecer-lhe algo que o dinheiro não comprasse. Algo que lhe parecesse uma história de fantasmas quando Lev lho explicara.

*Contara-lho na cama. — E eles estão mortos? — perguntara ela.*

*— Provavelmente.*

*— Há muito tempo?*

*— Antes do jackpot.*

*— Mas estiveram vivos, no passado?*

*— Não é no passado. Quando as ligações iniciais se fazem, isso não aconteceu no nosso passado. As coisas bifurcam-se aí. Já não vêm para cá, por isso, aqui não há alterações.*

*— A minha cama? — Abriu os braços e as pernas, sorriu.*

*— O nosso mundo. A História. Tudo.*

*— E ele contrata-os?*

*— Sim.*

*— Com o que é que lhes paga?*

*— Dinheiro. Moeda do reino deles.*

*— Como é que ele lá vai? Ele vai lá?*

*— Não podes lá ir. Ninguém pode. Mas é possível trocar-se informações, por isso pode fazer-se dinheiro.*

*— Quem é que disseste que era?*

*— Lev Zubov. Andámos na escola juntos.*

*— Russo.*

*— Família de dinheiro, cleptos. O Lev é o mais novo. Gosta de prazeres. Tem passatempos, o Lev. Este é o mais recente.*

*— Porque é que nunca ouvi falar nisso?*

— *É novo. É discreto. O Lev procura coisas novas, coisas em que a família possa investir. Ele acha que esta pode vir de Xangai. Tem a ver com túneis quânticos.*

— *Até onde conseguem ir?*

— *No máximo dois mil e vinte e três. Ele acha que houve qualquer coisa que mudou nessa altura; chegou a um determinado nível de complexidade. Algo em que ninguém na altura tinha motivos para reparar.*

— *Lembra-me disso depois. — Estendeu-lhe as mãos.*

*Nas paredes, as peles esfoladas emolduradas de três das suas personalidades mais recentes. A pele mais recente por baixo dele, por escrever.*

Agora são dez da noite, na cozinha da casa de Notting Hill do pai de Lev, a sua casa da arte.

Netherton sabia que também havia uma casa do amor, em Kensington Gore, várias casas de negócios, além da casa de família, em Richmond Hill. A casa de Notting Hill fora a primeira propriedade do avô de Lev em Londres, adquirida em meados do século, quando o *jackpot* arrancara em força. Tresandava às ligações que permitiam que se fosse decompondo. Ali não havia limpadores, montadores, câmaras, nada controlado do exterior. Não se conseguia comprar permissão para isso. O pai de Lev tinha-a, pura e simplesmente, e, provavelmente, seria o mesmo caso com Lev, embora os seus dois irmãos, que Netherton evitava sempre que possível, parecessem mais adequados ao exercício da ligação muscular necessária para a manter.

Estava a observar um dos dois análogos de tilacino de Lev pela janela da cozinha, enquanto ele fazia o serviço ao lado de um canteiro iluminado de hostas. Interrogou-se quanto valeriam os excrementos. Havia escolas concorrentes de tilacino, genomas em guerra, outro dos passatempos de Lev. Virou-se, à sua maneira não canina, o lombo de listas verticais bastante nobre, e pareceu fitá-lo. O olhar de um predador mamífero, nem canídeo, nem felídeo, era algo bastante peculiar, assim dissera Lev. Ou talvez Dominika visse através dos olhos do animal. Não gostava dele. Desaparecera quando ele chegara, lá para cima, ou talvez para o icebergue tradicionalmente profundo de subcaves oligárquicas.

— Não é assim tão simples — dizia Lev, pousando uma caneca vermelha de café na mesa de pinho à frente de Netherton, ao lado de uma peça amarela do *Lego* do filho. — Açúcar? — Era alto, de barba castanha, óculos antiquados, pomposamente desgrenhado.

— É, sim — disse Netherton. — Diz-lhe que deixou de funcionar. — Olhou para Lev. — Disseste-me que podia acontecer.

— Disse-te que ninguém faz ideia de como começou, ou porquê, de quem será o servidor, e muito menos por quanto tempo poderá estar disponível.

— Então diz-lhe que parou. Tens *brandy*?

— Não — disse Lev. — Precisas de café. Conheces a irmã dela, a Aelita? Sentou-se à frente de Netherton.

— Não. Ia conhecer. Antes. Elas não pareciam muito chegadas.

— A Daedra não quis. E, sinceramente, eu também não. Se temos alguma preocupação com a continuidade, não fazemos esse tipo de coisas.

— Não quis?

— Que o desse à Aelita.

— À irmã?

— Ele agora faz parte da segurança da Aelita. Uma parte irrelevante, mas ela sabe que lá está.

— Despede-o. Acaba com o assunto.

— Desculpa, Wilf. Ela acha-o interessante. Vamos almoçar na quinta-feira e espero conseguir explicar-lhe que a continuidade não tem só a ver com polts. Acho que ela vai perceber. Parece inteligente.

— Porque não me contaste?

— Achei que já tinhas com o que te ocupar. E, muito sinceramente, nessa altura não estavas a dizer coisa com coisa. A Daedra telefonou, disse-me que eras um querido, que não te queria magoar, mas que o devia dar à irmã. Ela gosta de coisas estranhas. Não me pareceu que estivesses destinado a fazer grande parte da vida dela, por isso achei que não importava. E depois a Aelita ligou, e pareceu genuinamente curiosa, por isso dei-lho.

Netherton pegou no café com as duas mãos, bebeu um gole, ponderou. Decidiu que aquilo que Lev lhe contara resolvia o problema. Já não estava ligado a Daedra. Apresentara indiretamente um amigo à irmã de alguém com quem estivera envolvido. Não sabia grande coisa sobre Aelita, a não ser que fora batizada segundo um filme mudo soviético. Não havia grande referência a ela no material de Rainey, e ele estava distraído.

— O que é que ela faz? Tem algum tipo de posição diplomática honorária?

— O pai delas era embaixador para resolução de crises. Acho que ela herdou um pouco disso, embora haja quem diga que a Daedra é mais uma versão contemporânea.

— Com unhas e tudo?

Lev franziu o nariz.

— Foste despedido?

— Pelos vistos. Mas ainda não há nada formal.

— O que vais fazer?

— Seguir em frente. Agora que explicaste as coisas, não vejo motivo para que a irmã da Daedra não possa ficar com o polt. — Bebeu mais um pouco de café. — Porque lhe chamas isso?

— São fantasmas que mexem coisas, digo eu. Olá, *Gordon*. Lindo menino.

Netherton seguiu o olhar de Lev e avistou o tilacino, de pé sobre as patas traseiras no pátio, a olhar para eles. Queria muito uma bebida, e lembrou-se de onde provavelmente podia tomar uma.

— Preciso de pensar — declarou, levantando-se. — Importas-te que vá passear pela coleção?

— Tu não gostas de carros.

— Gosto de história — contrapôs Netherton. — Não gosto de andar pelas ruas de Notting Hill.

— Queres companhia?

— Não — recusou Netherton. — Tenho de pensar.

— Sabes onde fica o elevador — disse Lev, levantando-se para deixar entrar o tilacino.